

Alinhavando registros e memórias: experiências do Programa Observatório da Juventude da UFMG

ÁLIDA ANGÉLICA ALVES LEAL

DÉBORA VANESSA CAMILO BORGES

SYMAIRA POLIANA NONATO

<i>Em linhas frouxas de bem querer</i>	<i>inquieto</i>
<i>Alinhav[amos] palavras [e memórias]</i>	<i>ao ponto de origem</i>
<i>sonhadoras</i>	<i>Compreenda-me assim</i>
<i>reflexivas</i>	<i>em tempo de alinhavo</i>
<i>recordadas</i>	<i>pontos leves</i>
<i>ambíguas</i>	<i>e presentes</i>
<i>amargas</i>	<i>feito bailarino</i>
<i>antigas</i>	<i>beija-flor [...]</i>
<i>ou novas</i>	<i>E, se buscares outras palavras,</i>
<i>Caminha sem retas</i>	<i>leva para elas</i>
<i>o alinhavo</i>	<i>o jeito alinhavado de ser e analisar</i>
<i>ora certo, ora incerto</i>	<i>que buscarei traçar</i>
<i>trêmulo e feliz</i>	<i>em linhas frouxas de bem querer</i>
<i>labirinto</i>	<i>sem arremate</i>
<i>sem tempo</i>	<i>final</i>
<i>de trilhos</i>	(Nossas conversas com)
<i>que volta</i>	Vera Romariz (2011)

Em nossas conversas com Vera Romariz (2011), buscamos expressar a maneira pela qual temos construído histórias e memórias do/no Programa de extensão, ensino e pesquisa Observatório da Juventude (OJ) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Assim, propomos alinhar *palavras [e memórias] sonhadoras, reflexivas, recordadas, ambíguas, amargas, antigas ou novas* para dizer acerca dos

nossos esforços no sentido de refletirmos e pensarmos possibilidades sobre o uso do som, da imagem e, especialmente, do arquivamento das histórias e produções do Observatório da Juventude em seus 21 anos de existência.

Iniciado em 2002, o Observatório da Juventude, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, é um programa de ensino, pesquisa e extensão. Está inserido no contexto das políticas de ações afirmativas em torno da temática da “Educação, Cultura e Juventude”, tendo como eixos norteadores a condição juvenil, as políticas públicas, as políticas culturais e as ações coletivas da juventude. Podemos dividir as ações que vêm sendo desenvolvidas pelo OJ em três eixos: Ações coletivas e políticas públicas (buscam garantir um espaço de interlocução da sociedade civil com o poder público em torno das políticas públicas de juventude, além de estimular a organização autônoma dos jovens); Formação de educadoras/es (ações formativas, envolvendo educadoras/es, tais como professoras/es da educação básica de escolas públicas e em espaços não formais); Formação de jovens (ações formativas com as/os jovens, tais como formação de lideranças juvenis).

Desde a sua criação, o Observatório vem realizando atividades de educação popular como formação de educadoras/es, lideranças juvenis, agentes socioculturais, de alunas/os da graduação e pós-graduação, gestoras/es e outras/os profissionais interessadas/os na problemática juvenil, possibilitando-lhes um maior conhecimento sobre a realidade das/os jovens e a construção de metodologias de trabalho adequadas a essa fase da vida. Ao mesmo tempo, vem propondo e promovendo ações de formação diretamente com os/as jovens, estimulando-os/as a participarem na resolução de seus problemas e fortalecendo iniciativas de cooperação, comunicação e criação de redes juvenis. Nessa direção, tem participado ativamente no estímulo e nas articulações em torno das políticas públicas de juventude, apoiando e/ou desenvolvendo iniciativas de debate e reflexão, além de ter feito parte de instâncias como o Conselho Nacional de Juventude e ter contribuído para a fundação e o funcionamento do Fórum das Juventudes da Grande Belo Horizonte, projeto de extensão criado em 2004 e articulado ao Programa desde então.

O Observatório da Juventude tem desenvolvido, também, atividades de investigação, levantamento e disseminação

de informações sobre a situação das/os jovens no Brasil, por meio de pesquisas em diferentes escalas. Em âmbito internacional, por exemplo, o OJ integra a Rede Ibero-Americana de pesquisadoras/es em juventude. Nacionalmente, parte da equipe se articula, em rede, ao Observatório do Ensino Médio, com realização de pesquisa sobre a contrarreforma do ensino médio no Brasil, sendo foco da equipe do OJ o estado de Minas Gerais. Em âmbito regional e local, por sua vez, são desenvolvidas, por exemplo, investigações por meio de professoras/es integrantes e de suas/seus orientandas/os de mestrado e doutorado.

Podemos dizer que o OJ, assim como muitos outros programas de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, é produtor de diferentes materiais, com formatos e usos variados e apropriações diversas pelo grupo e pelo público com o qual trabalha, direta ou indiretamente. Nesse contexto, um desafio cotidiano consiste em saber quais procedimentos de organização e tratamento dos documentos arquivísticos devemos adotar. Assim, consideramos que temos construído um caminho *sem retas*, pois *o alinhavo é ora certo, ora incerto, trêmulo e feliz labirinto sem tempo de trilhos que volta inquieto*. Ou seja, temos buscado estratégias para a organização e divulgação de toda a nossa produção sem necessariamente ter como referência conhecimentos da arquivologia, mas buscando referências diversas sobre o assunto. Um exemplo é a legislação arquivística, que é recente – dos anos 1990 – e estabelece normativas sobre o assunto (Brasil, 1991). Ademais, temos construído esse processo de forma coletiva, com *pontos leves*, com marcas “do jeito OJ de ser”, como costumamos falar, tecendo possibilidades sobre o uso da imagem, do som e dos documentos que produzimos.

A Educação como formação humana e as juventudes: experiências individuais e coletivas

Consideramos que as concepções de educação e de juventude que alicerçam as práticas educativas do Programa Observatório da Juventude repercutem diretamente na maneira como temos trabalhado com as imagens e com os sons produzidos por nós.

A metodologia de trabalho que alicerça as posturas teórico-metodológicas das ações construídas pelo OJ parte do pressuposto de que educar é mais que ensinar ou transmitir conhecimento. Para nós, educar implica um processo de formação humana muito mais amplo. Nessa perspectiva, Bernard Charlot (2000) considera que o ser humano é um ser em construção, o que reforça também a ideia do inacabamento do ser humano (Freire, 1996). A educação é então o processo pelo qual o ser que nasce inacabado se constrói e é construído como um ser: humano, social e singular, isto é, igual a todos como espécie, igual a alguns como grupo social e diferente de todos como ser individual (Charlot, 2000). Com base nessa concepção, buscamos desenvolver uma metodologia de trabalho COM os/as jovens e educadores/as envolvidos/as no processo formativo e não PARA eles/as. Assim, temos como base os princípios da educação popular de perspectiva freiriana, que compreende a relação com o/a outro/a como centro dos processos de produção de conhecimento. Logo, consideramos a educação como formação humana, o que pressupõe reconhecer os sujeitos como seres inacabados, mas, ao mesmo tempo, como sujeitos de demanda, de saberes e de desejos.

Articulada à concepção de educação, é importante salientar, também, nossa concepção de juventudes. Entendemos a juventude como uma construção social e histórica, o que não significa ignorar a dimensão etária dessa etapa da vida. Falamos em juventudes no plural por considerar que existem diferentes modos de vivenciar a juventude, ou seja, as condições sociais, econômicas, de raça, de gênero, de orientação do desejo repercutem nas possibilidades e/ou limites para a vivência da juventude.

Consideramos que tanto nossa concepção de educação numa perspectiva da formação humana quanto o entendimento acerca das juventudes embasam nossa proposta de construção do que temos nomeado de Pedagogia(s) das Juventudes. De um lado, a pedagogia se refere aos pressupostos que informam uma prática educativa. De outro lado, ao relacionarmos a pedagogia à concepção de juventudes, buscamos enfatizar que não se trata de algo universal, mas sim que apresenta singularidades diante dos sujeitos com as/os quais construímos conhecimento. Dessa maneira, quando falamos de pedagogia das juventudes “estamos nos referindo aos princípios e metodologias que informam e dão vida, boniteza, como diz

Freire, a uma determinada prática educativa desenvolvida com jovens” (Dayrell, 2016, p. 250).

Mas o que essa ideia do inacabamento do ser humano, que leva a pensar a educação como formação humana e o entendimento das juventudes no plural, bem como de pedagogia das juventudes, tem a ver com a reflexão sobre o uso do som, imagem e dos outros diferentes arquivos? Podemos dizer que nossa concepção de educação como formação humana e de juventudes no plural informa e conduz nossas ações de organização dos arquivos, divulgação e uso de som, principalmente no sentido de indicar o que vamos escolher arquivar, mostrar e divulgar a partir de uma certa ótica, a partir da qual (re)contamos nossa história.

Dando andamento à reflexão acima indicada e sinalizando outros aspectos a ela associados, consideramos que quatro questões centrais têm embasado nossas práticas educativas, as quais consideramos que também alicerçam nossa construção do uso do som, da imagem e dos outros diferentes arquivos. São elas: o que significa “som, imagem e outros arquivos”? Para que organizar os processos de uso de som e imagem e arquivo? Com/Para quem tais processos devem ser pensados e/ou construídos? E como construir tais processos?

A primeira pergunta em que vamos nos deter é: o que significa “som, imagem e outros arquivos”? Qual o nosso olhar sobre “o que” devemos considerar “som, imagem e arquivo” no âmbito do OJ? Se olharmos a palavra arquivo num sentido restrito, nossa tendência consiste em pensar nos documentos gerados organicamente pelo Programa Observatório da Juventude. Na lei sobre política nacional de arquivos públicos e privados, temos a seguinte definição:

Art. 2º - Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos. (Brasil, 1991).

Consideramos importante tal definição, mas avaliamos pertinente pensarmos na palavra arquivo num sentido mais amplo, pois falar de arquivos se refere também a “uma estrutura física, administrativa, com atribuições e competências definidas para

custodiar os documentos de arquivo, dotada de um quadro pessoal, com cargos e salários e orçamento anual” (Roncaglio, 2016, p. 183). Em diálogo com Roncaglio (2016), fazemos uma leitura mais ampla do conceito de arquivo por entender que os espaços/tempos, as dinâmicas sociais, os lugares sociais e, especialmente, os sujeitos individuais e coletivos constroem suas experiências e produzem narrativas e sentimentos que se materializam nas produções (nos arquivos) de cada tempo.

A partir das discussões sobre educação antes realizadas, consideramos que, nos arquivos do Programa Observatório da Juventude, buscamos expressar como temos nos construído como grupo na articulação entre passado, presente e, também, futuro. Assim, evidenciamos essa construção individual dos diferentes integrantes do OJ, entendendo que educar-se é um processo contínuo, considerando a experiência de cada um. Importante demarcar que entendemos experiência como aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002). Assim, optamos por arquivar experiências vividas, sentidas e sonhadas, que representam *alinhavos de palavras [e memórias] sonhadoras, recordadas, antigas*, tendo em vista que isso é o nosso entendimento sobre “o que é” arquivo.

Na sequência, remetendo à segunda pergunta indicada, questionamos: para que organizar os processos de uso de som e imagem e arquivo? Em outros termos, com qual finalidade conduzimos tais processos? Entendemos que uma das funções sociais da universidade, e, tão logo, das/os diferentes atoras/es que a compõem, é construir memórias articulando passado, presente e futuro para que consigamos trazer à tona os lugares, os sujeitos, as produções e, também, as alianças e disputas que permeiam as relações sociais que engendram nossas ações. Se defendemos a educação como processo de formação humana, a construção dos sujeitos passa também pelas lutas, formações, articulações e produções individuais e coletivas. A organização dos arquivos é a possibilidade de (re)viver uma história e (re)conhecer tal história para se inserir nessa história. Organizar os processos de uso de som e imagem e construir memórias significa possibilitar que os diferentes sujeitos tenham acesso a essa história.

É importante lembrar de Chimamanda Ngozi Adichie, ao abordar a importância da história em seu livro *O perigo de uma história única* (Adichie, 2019). Assim, ao refletirmos sobre as razões de organizar os processos de uso de som e imagem e arquivo, entendemos o interesse de apontar para a necessidade de ter espaços para interpretação, crítica, outros olhares, outras nuances e outros saberes a partir do que temos arquivado. A partir dos arquivos, podemos construir espaços de olhares, de escuta e de registros diversos com base no que documentamos.

A organização de arquivos, nesse sentido, permite traçar planos vislumbrando permanências, preservando aquilo que deve ser cultivado como herança e, também, construindo perspectivas de mudanças, no sentido de promover rupturas com o que teima em impedir necessárias transformações. Tal organização, portanto, precisa ser pensada na perspectiva de uma história que se constrói num efervescente processo formativo intergeracional. No contexto do Programa em questão, salientamos tal aspecto por experienciarmos, pelo menos no que tange à equipe de coordenação, um processo de transição geracional, que tem marcado mais fortemente os territórios da Faculdade de Educação (e da Universidade) nos últimos cinco anos. Enquanto alguns sujeitos que participaram da fundação do Programa constroem seus processos de aposentadoria, afastando-se gradualmente de algumas ações, especialmente de cunho administrativo no âmbito da universidade, ressignificando sua participação junto ao grupo; outros sujeitos consolidam sua participação, em um contexto de estabilização na carreira e na identidade como docente, atuando no grupo das mais diversas maneiras; e, por sua vez, outros sujeitos, chegantes nos territórios da universidade e do Programa, com experiências pregressas de maior ou menor participação nas ações, passam a se vincular aos fazeres do grupo, aprendendo a como lidar, como se inserir, como cuidar, como assumir, como se relacionar, como se aproximar ou até mesmo se afastar daquilo que lhes é dado e apresentado. Novas gerações são, portanto, convidadas para novos alinhavos junto com as gerações mais antigas, tecendo *pontos certos e incertos, mais fortes ou mais fracos*, conectando sua própria história à história do Programa Observatório da Juventude, que vai tornando-se uma história nossa, coletiva, feita a várias mãos por sujeitos individuais e coletivos diversos. A organização de arquivos, nesse cenário,

serve de ponte na construção das trocas intergeracionais, favorecendo continuidades e, também, proporcionando modificações, entrelaçando passado, presente e futuro por meio da produção e constante (res)significação da memória.

Outro ponto importante a questionar é: com/para quem tais processos devem ser pensados e/ou construídos? Essa é uma questão muito importante para nós, pois consideramos que a educação é um processo de constituir-se e que as juventudes são plurais. Pelo fato de considerarmos, especialmente, que as/os jovens são sujeitos sociais válidos/legítimos na construção do conhecimento, os processos de organização de som, imagem e outros arquivos devem ser e são pensados com os diferentes sujeitos que integram o Observatório da Juventude. No cenário atual, temos uma equipe de comunicação, formada por docentes, estudantes da graduação e estudantes de pós, voluntárias, que buscam construir formas de arquivamento, organização, divulgação das nossas produções.

A equipe, a todo momento, busca construir COM os diferentes integrantes, convidando-as/os a produzir registros sobre as diferentes atividades do OJ, seja no ensino, na pesquisa e/ou na extensão. Cabe lembrar que tem sido um enorme desafio, pois nem sempre temos condições financeiras para ter uma equipe de comunicação, o que faz com que, de tempos em tempos, os processos de organização do som e imagem e arquivos se dispersem em cada projeto dentro do Programa. A disponibilidade de tempo para que todas e todos participem, especialmente nos ritmos estabelecidos pela equipe – que tem tentado adotar marcha mais lenta, tendo em vista a intensificação do trabalho vivida nos âmbitos da vida acadêmica –, também tem se apresentado como um desafio marcante para a equipe.

Por último, e não menos importante, questionamo-nos: como fazer os processos? Quais estratégias devemos utilizar? Como organizar todo o material produzido no âmbito das ações do Programa? Em outros termos, como orquestrar todo esse processo, especialmente considerando as três questões antes apresentadas? Temos construído todo o processo a partir de muitas mãos [e corações], buscando arquivar as bonitezas produzidas no OJ de diferentes maneiras. Em outras palavras, a coletividade e a diversidade de possibilidades pensadas para a construção desse processo têm sido marcantes nas ações do Programa que se relacionam à organização de seus arquivos.

Para exemplificar e detalhar parte desse processo, mencionamos a realização de: registros das ações no Sistema de Informação da Extensão (SIEX) da UFMG e acompanhamento visando constante atualização de dados no sistema, registros de atas, registros de pautas, sistematização das ações a partir de produções coletivas do grupo, sistematização da história do Programa e ações vinculadas a partir de pesquisas de monografia, relatório pedagógico das ações realizadas, inserção nas mídias digitais (*site*, Instagram), além de registros fotográficos (que compõem as sistematizações).

Ainda sobre como é importante registrar, que é um exercício cotidiano de reflexão, entendemos que a forma como contamos nossa história reflete a forma como somos e queremos ser. Assim, temos lançado um olhar atento e muito sensível sobre como fazer cada um dos registros, ou seja, não basta somente construir uma postagem no Instagram, por exemplo, mas refletir como serão as postagens, para quem são pensadas, com quem vamos planejá-las, a quais finalidades do Programa conecta-se essa produção, qual a identidade visual corresponde ao diálogo que queremos estabelecer com o público, quem vamos “seguir” nessa rede digital, se aceitaremos todos/as os/as possíveis seguidores/as dessa rede e questões afins. A seguir, tentaremos detalhar algumas das nossas formas de condução de tais processos.

Ver, ouvir e registrar para agir: histórias e memórias do Programa Observatório da Juventude da UFMG

No âmbito do Programa Observatório da Juventude, temos construído uma metodologia de trabalho com as/os jovens que se pauta na pesquisa como princípio educativo e que tem base

na tríade que alicerça o conhecimento antropológico, qual seja, ver, ouvir e registrar. Desta maneira, inspirados/as nos antropólogos Clifford Geertz (1989)

e Roberto Cardoso de Oliveira (1996), buscamos uma integração entre a sensibilidade intelectual e a postura investigativa dos/as educadores/as. Assim, consideramos que a dimensão do ver, ouvir e registrar pode ser incorporada nos processos educativos, juntamente com a dimensão do agir, compondo assim quatro movimentos – *ver, ouvir, registrar e agir* – que são independentes, mas ao mesmo tempo complementares. (Nonato e Dayrell, 2021, p. 29).

Buscando uma articulação entre a pesquisa como princípio educativo e os processos educativos na organização do uso de imagem, som e arquivo, detalharemos alguns movimentos realizados pelo coletivo, que expressam nossa forma de construir nossas memórias. Compreendemos a memória como um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 5).



Figura 1 – Tela inicial Sistema de Informação da Extensão (SIEX).
Fonte: Sistema de Informação da Extensão.

O primeiro movimento da pesquisa como princípio educativo que trazemos para a construção dos nossos processos de organização de som, imagem e outros arquivos é o registro, que advém do e também conduz ao ver, ao ouvir e ao agir. Na prática educativa, o registro pode se dar em dois momentos: o registro “*in loco*” e o registro mais distanciado da prática.

Pensando nos registros que fazemos mais distanciados das nossas ações, temos seis diferentes formas de registros. A primeira delas é o registro no Sistema de Informação da Extensão (SIEX). O SIEX é um sistema de cadastro e gerenciamento de dados da extensão universitária aberto à consulta pela comu-

nidade externa à UFMG. Trata-se de um espaço de memória e arquivamento, que possibilita termos um histórico da ação de extensão com os diferentes sujeitos que fizeram parte dessa história, conforme a Figura 1.

Ao pesquisar, o usuário tem acesso a diferentes informações da ação (Figura 2).

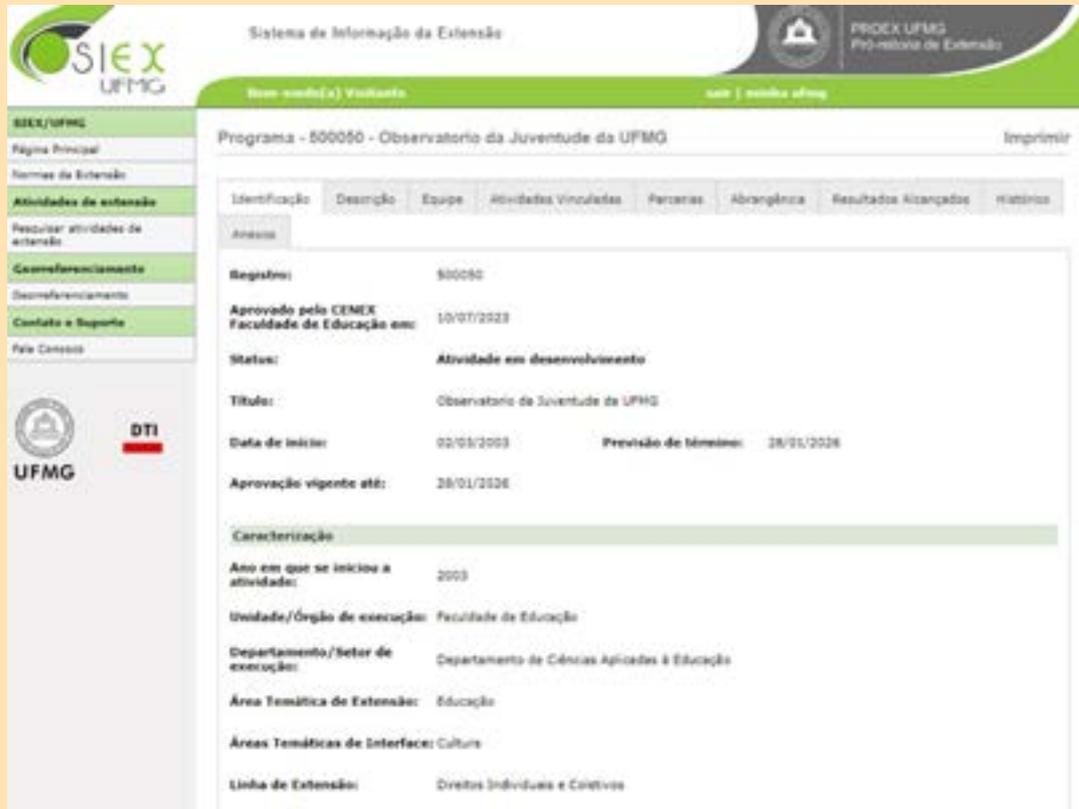


Figura 2 - Tela descrição de ação de extensão (Programa) no SIEX após a pesquisa.

Fonte: Sistema de Informação da Extensão.

Consideramos importante apontar o SIEX como a primeira forma de registro, bem como o uso que fazemos dos nossos arquivos, pois se trata de algo no âmbito institucional, que contribui para sermos vistos e ouvidos dentro e fora da instituição.

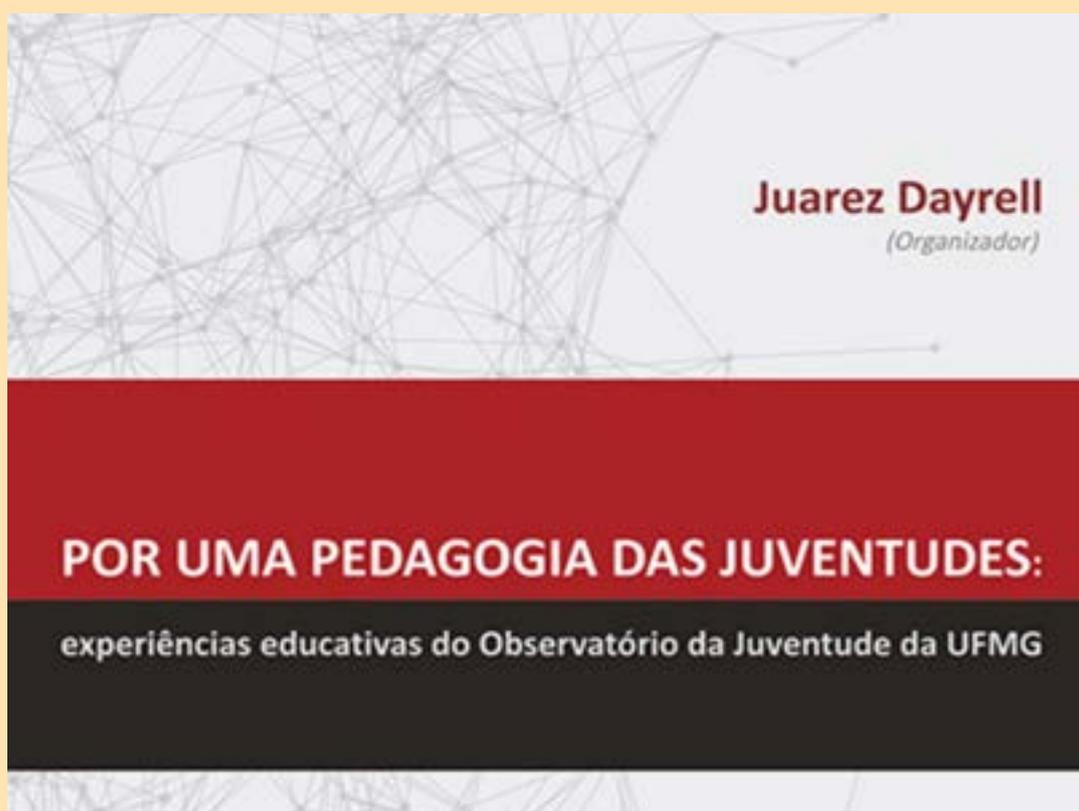
A segunda forma de registro, que varia de ação para ação dentro do Programa, diz respeito às pautas e atas. Em cada uma das ações de extensão (projetos, cursos, eventos ou prestação de serviços) organizadas pelo Programa, temos realizado sistematizações das pautas das reuniões de organização e planejamento, com destaque para as atas com as construções, reflexões, decisões, demandas e funções de cada um em torno da pauta realizada. Para tanto, em cada atividade, elencamos uma pessoa responsável pela ata para que façamos um trabalho colaborativo. Consideramos que a construção das pautas e atas é exercício contínuo de sistematização da nossa prática e contribui significativamente para a memória e orientação

das ações. É importante citar que, em alguns casos, alguns elementos das atas ou pautas são restritos aos membros do Programa, uma vez que têm relação com questões pessoais de algum integrante e/ou trâmites em curso dentro e fora da universidade. Essas pautas e atas são armazenadas nas pastas específicas de cada projeto (na nuvem), mas posteriormente inseridas na pasta única do Programa para compor a memória coletiva.

A terceira forma de registro que tem feito parte da história do Observatório da Juventude é a sistematização de nossas ações e dos saberes que produzimos nas nossas práticas pedagógicas em livros, cartas, coletâneas ou séries. O livro *Por uma Pedagogia das Juventudes* (Figura 3), por exemplo, foi um exercício de muitas/os integrantes para recontarmos a história do Programa. Para tanto, foi necessária a organização de parte do nosso acervo, buscando montar um “quebra-cabeça” de quase vinte anos de existência.

Devido aos limites do livro, não sistematizamos todas as ações do OJ, mas conseguimos reconstituir a história do Programa junto com outros três projetos. Foi um processo intenso de organização de documentos, imagens, escuta atenta a materiais de áudio para, posteriormente, pensarmos nas possibilidades de escrita do livro. Ao final do processo, além do livro, conseguimos organizar ainda melhor o acervo de dados do OJ.

Figura 3 - Capa do livro *Por uma Pedagogia das Juventudes*.
Fonte: Acervo do Observatório.



Outros materiais produzidos recentemente e que também são formas de registros de nossas práticas educativas são dois conjuntos de cadernos temáticos. Nossa primeira coletânea de cadernos temáticos, datada de 2014, foi nomeada “Juventude brasileira e Ensino Médio”. Naquela época, nosso foco foi a escola, pois se tratava de um material produzido como referencial didático-metodológico para o curso de atualização “Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador”, ofertado nos anos de 2012 e 2013 para professoras/es das redes estaduais de ensino participantes do Programa Ensino Médio Inovador.

A nova série, intitulada “Juventude Brasileira e Educação”, publicada em 2021, amplia o foco da reflexão, passando de uma discussão exclusiva sobre espaços escolares para um debate que também abarca espaços não escolares. Dessa vez, produzimos quatorze cadernos, que versam sobre temáticas relacionadas às juventudes, discutindo aspectos que atravessam, interseccionam, questionam, potencializam e/ou limitam as juventudes. Destaca-se a produção coletiva desse material, abrangendo membros da rede ampliada do OJ e a leitura da obra por diferentes membros da equipe durante o processo de construção, o que possibilitou o aprimoramento do material durante o processo de sua elaboração, de modo colaborativo dentro da equipe. Dentre as leitoras, destacamos a contribuição da querida professora da Faculdade de Educação Inês Assunção de Castro Teixeira (*in memoriam*), que realizou a leitura e análise cuidadosa da obra, sugerindo aprimoramentos.

Consideramos que ambos os materiais refletem uma das nossas formas de registros, especialmente buscando sistematizar saberes construídos COM os diferentes sujeitos. As Figuras 4 e 5 apresentam essas produções.

A quarta forma de registro se refere à organização e sistematização das imagens, sons e arquivos do Programa para fins, por exemplo, de produções acadêmicas, como monografia, dissertação de mestrado, tese de doutorado, artigos, material didático e outros. Já tivemos duas monografias que se debruçaram sobre a construção das nossas ações (Nonato, 2010; Silva, 2012). Uma delas recontou a história do próprio Programa a partir da organização das pautas, atas, fotos, vídeos, documentos e, também, aplicação de questionário a membros do OJ no ano de sua institucionalização. Em ambos os casos, representou um trabalho de muita importância, por possibilitar um reencontro crítico com a nossa história.

comunicar e, também, nos provocam a refletir sobre as formas de registros de som e imagens, haja vista que o ciberespaço nos convoca a formas específicas de comunicação do conteúdo.



Figura 5 - Capas dos cadernos temáticos da série.

Fonte: Acervo do Observatório.

Além disso, temos as formas de registros “*in loco*”, uma vez que também fazemos registros durante as ações, o que contribui para a tomada de decisão em momentos específicos, mas também para a composição de imagem e som no âmbito das mídias digitais que, dentre outras marcas, tem a dinamicidade do tempo real, ou *on-line*, “que se refere às novas experiências de uma realidade hiperconectada na qual já não é sensato perguntar se alguém pode estar *on-line* ou *off-line*” (Floridi, 2015, p. 2).

Embora todas as formas de registros que temos usado componham nossa forma de (re)pensar o uso do som e da imagem, consideramos que a comunicação nas mídias digitais intensifica nosso exercício, pois é nelas que todas as outras formas de registros se fazem ainda mais presentes e, especialmente, mais visíveis.

Retomando a metodologia do ver, ouvir, registrar e agir, salientamos que, na prática educativa, o ver se relaciona ao exercício de olharmos os sujeitos, as realidades, as diferenças, as narrativas, os rostos, os sorrisos e as tristezas de forma atenta, minuciosa, cautelosa, buscando observar com cuidado. Como

nos faz questionar o poeta Rubem Alves (2004) em seu texto “A complicada arte de ver”, o que vemos e o que deixamos de ver? O que os olhos dos nossos olhos veem? Na construção dos nossos arquivos, especialmente no ciberespaço, nos preocupamos bastante com o que “fazemos ver” e o que deixamos de “fazer ver”.

Além do ver, temos o ouvir. Carla Maia e Licinia Correa (2014, p. 22) afirmam que “o ouvir permite confrontar seu ponto de vista com o dos sujeitos e construir uma leitura ou interpretação mais complexa das cenas ou situações observadas”. O ouvir se refere a uma atividade biológica, já o escutar é um ouvir atento. Como afirma Paulo Freire (2015, p. 117), “escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um[a]. Escutar [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”. Assim, nos perguntamos cotidianamente: o que queremos construir acerca do ver e do ouvir a partir dos nossos registros? Quais imagens e sons comunicar àqueles que nos veem e nos ouvem nos diferentes espaços, mas sobretudo nas mídias digitais? E também, como nos ensina a autora bell hooks (2017), o que os nossos silêncios acerca de algum contexto ou fato sobre as juventudes comunicam aos diferentes sujeitos.

Quanto ao registro, destacamos que, para Maia e Correa, ele se constitui como uma “continuidade do encontro entre pesquisador e pesquisado”, ou seja, entre quem se dedica a ver e ouvir e os sujeitos, espaços e tempos que são observados, cuidadosamente olhados e atentamente ouvidos. Portanto, o registro é “uma continuidade do olhar e do ouvir” (Maia e Correa, p. 25). O registro é considerado a matéria-prima, o material essencial e básico para a análise posterior e a sequência do trabalho de observação (que envolve o olhar e ouvir).

Em 2019 e 2020, no OJ, reconstruímos nosso *site* para conseguir registrar “um modo de ver e um modo de ouvir” que conte nossa história e memórias a partir de uma comunicação afetiva. Ou seja, buscamos construir registros que sejam e estejam para além de arquivos, comunicando sentimentos, emoções e, especialmente, “o jeito OJ de ser”. Organizamos nosso *site* em abas que contemplam o que queremos transmitir de sons, imagens e arquivos. Dentre as abas, temos: *home*, quem somos, projetos, arquivos, afetos e desafetos, contatos

e redes sociais. Consideramos importante apresentar brevemente cada parte do *site*.

1. Home do site

No *home*, apresentamos o Programa Observatório da Juventude e frases e imagens que inspiram e constroem as/os sujeitos/as integrantes do OJ.



Figura 6 - Aba Home do site.

Fonte: Acervo do Observatório.

2. Quem Somos

Aqui apresentamos o Programa de forma mais detalhada, bem como a equipe de coordenação, estudantes de graduação (bolsistas e não bolsistas), estudantes de pós-graduação, voluntárias/os e demais integrantes.

3. Projetos

Nesta aba expõem-se os projetos ativos do Programa Observatório da Juventude – atualmente (2023), são seis projetos: *Coletânea Juventudes e Processos Educativos*; *Descortinando a Prática: formação continuada dos/as profissionais do acolhimento institucional*; *Educar-se pela Escrita do Outro/a*; *Indagações sobre as trajetórias escolares e universitárias da juventude negra e LGBTQI+ mineira*; *Fórum das Juventudes da Grande BH*; *InterAgindo*; e *Projeto Estudos e Pesquisas*.

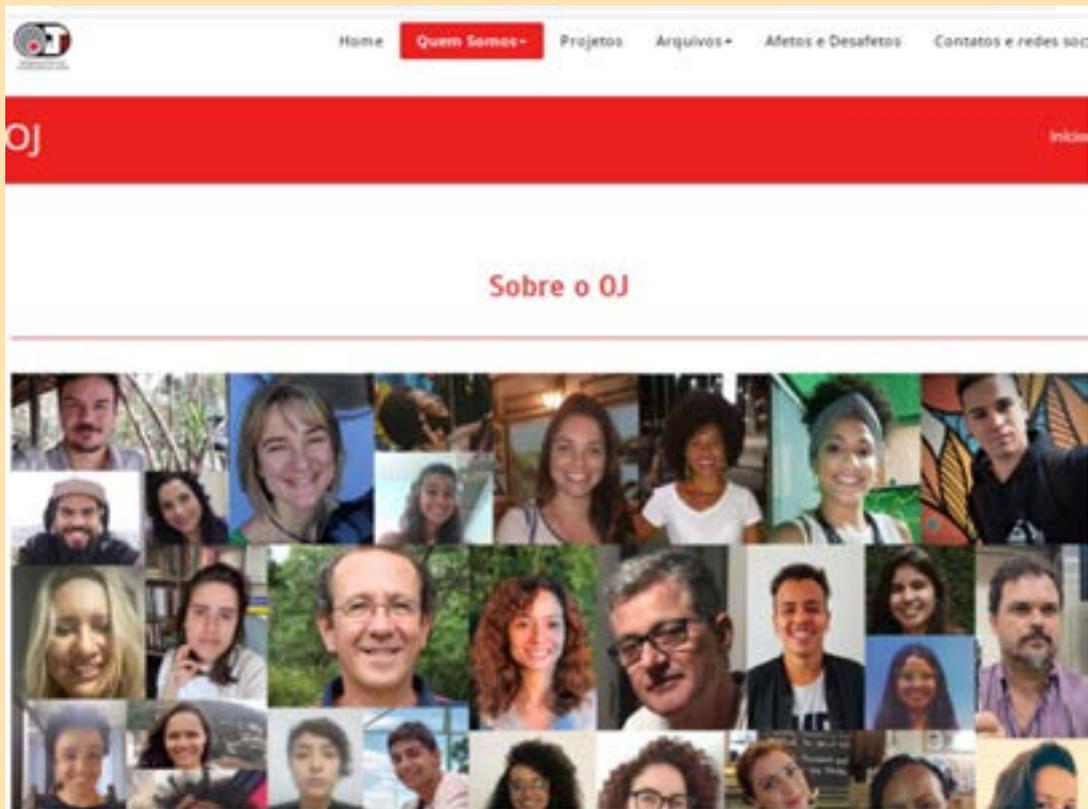


Figura 7 – Aba Quem somos.
Fonte: Acervo do Observatório.

4. Arquivos – Livros, *links* e artigos

Nesta página, temos as publicações de autoria do Programa bem como as que contaram com contribuições do Observatório da Juventude. No *site*, disponibilizamos esses materiais, propiciando aos usuários fácil acesso aos documentos.

Figura 8 – Aba Projetos.
Fonte: Acervo do Observatório.





Figura 9 – Aba Arquivos
– Livros, links e artigos.
Fonte: Acervo do Observatório.

5. Arquivos – Vídeos

Também temos um menu secundário de arquivos onde as/os usuárias/os podem acessar conteúdos audiovisuais, disponíveis em nosso canal do YouTube (sua produção ainda é relativamente incipiente).

Figura 10 – Aba Arquivos – Vídeos.
Fonte: Acervo do Observatório.





Figura 11 – Aba Afetos e Desafetos.
Fonte: Acervo do Observatório.

6. Afetos e Desafetos

Nesta página de nome sugestivo, o Programa compartilha premiações, homenagens, posicionamentos etc. Esta seção foi criada justamente para abrigar um conjunto de materiais que, até então, estava invisibilizado nas mídias do próprio grupo, embora publicizado em outros espaços relacionados ao grupo.

Figura 12 – Aba Contatos e redes sociais.
Fonte: Acervo do Observatório.



7. Contatos e redes sociais

Por último, esta aba apresenta informações de contato, bem como nossos canais de comunicação.

Além disso, desde o ano de 2021, construímos coletiva e cotidianamente nossa conta e nossa presença no Instagram; bastante motivados e impulsionados pelas demandas que a pandemia de Covid-19 nos impôs e, também, diante das possibilidades surgidas a partir da constituição de um grupo de Mídias dentro do OJ, equipe até então inexistente dentro do Programa com a composição e *expertise* atuais – por contar com duas bolsistas e uma voluntária com formação e experiência na área de comunicação.

No Instagram, nossas formas de uso de imagem e som se dão de diferentes maneiras: em momento real, compondo recurso de *story* do Instagram, por exemplo, e também de forma planejada e ordenada seguindo um planejamento e organização do *feed*.¹ Assim, nos *stories*, fazemos postagens para chamar a atenção dos usuários da plataforma para um conteúdo publicado no *feed*, para o compartilhamento de informações de nossa rede, para promover interação com o público etc. Nestes, a comunicação é mais dinâmica. No *feed*, a comunicação é trabalhada com base em um planejamento construído coletivamente pela equipe, com conteúdo organizado seguindo uma lógica por tipo e/ou temáticas, por exemplo apresentação de integrantes, ações dos projetos, comunicados, dicas etc.

A comunicação nas redes sociais direciona nossas reflexões/ações para a construção de uma comunicação afetiva, que busca expressar o “jeito OJ de ser”, numa perspectiva de troca, afetos, escuta e aprendizados coletivos. Assim, buscamos aproximar leitoras/es e interlocutoras/es. A Figura 13 apresenta um *print* do nosso Instagram, por meio do qual temos tentado produzir afetos e esperançar, na perspectiva freiriana.

Consideramos que trabalhar a comunicação exige estudo, organização, planejamento, e é algo extremamente desafiador. Segundo Kohn e Moraes (2007), a era digital possibilitou mudanças expressivas em todos os segmentos da sociedade: mudou conceitos, diminuiu distâncias, trouxe mobilidade, oportunizou o acesso às informações e mudanças no modo de ser, agir e se relacionar socialmente. Assim, a comunicação pode ter grande efetividade se for também afetiva, ou seja,

1 O *story* é um tipo de publicação do Instagram que permite o compartilhamento de conteúdos que desaparecem depois de 24 horas. O *feed* é um tipo de publicação do Instagram que permite o compartilhamento de conteúdos (imagens e textos) com tempo indeterminado. Pode ser excluído pela/o usuária/o.

afetar as pessoas, produzindo sentidos e significados. Gerir uma comunicação afetiva envolve uma série de cuidados. “Saber comunicar é uma arte, devemos então apreciá-la, mas não só, também devemos potenciá-la” (Pestana, 2006, p. 45). Para potenciá-la, é primordial entender que cada postagem realizada em uma rede social como o Instagram é carregada de sentidos que geram emoções. Os *posts* não se resumem à veiculação de informações, uma vez que compartilham saberes, experiências, produzem sentidos. Em resumo, a comunicação afetiva pode aproximar as pessoas e gerar um clima de confiança, estabelecendo conexões e construindo relações. Essas relações merecem ser cuidadas, uma vez que podem gerar sentimento de frustração, repúdio, referências negativas, assim como sentimentos de amizade, amor, respeito, admiração e outros.

Por último, articulado às produções das redes digitais, devemos mencionar também que temos um acervo com a produção audiovisual, especialmente vídeos. São cerca de 120 vídeos, conectados aos projetos, cursos, eventos e/ou prestações de serviços que temos realizado ao longo da existência do Observatório da Juventude. Cabe salientar que não temos uma equipe de produção de vídeos. Sendo assim, embora tenhamos um acervo que pode ser visto no *site*,² Instagram³ ou canal do YouTube,⁴ são produções “*em linhas frouxas de bem querer*” que o Programa deseja alinhar com o tempo.

2 <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>

3 @observatoriodajuventudeufmg

4 <https://www.youtube.com/@observatoriodajuventude7915/playlists>

“Sem arremate final”

Encerrando, porém, sem fazer um *arremate final* nas nossas reflexões acerca do uso da imagem, som e arquivo do/no OJ, apontamos que não existe neutralidade nas nossas ações relacionadas à organização de arquivo e de construção de uma comunicação afetiva. Consideramos que nossas diferentes formas de registrar nossas memórias e histórias são necessárias e importantes para nosso agir. Assim, nossos registros são especialmente importantes para um processo de ação-reflexão-ação cotidiano que orienta nossas práticas pedagógicas, relações, ações e corações. Por exemplo, no livro *Por uma Pedagogia das Juventudes* (Dayrell, 2016), a sistematização da história de mais de vinte anos de Programa Observatório da Juventude possibilitou a sistematização de princípios político-pedagógicos que têm embasado a prática educativa do OJ há anos.

Cabe ressaltar que não se trata de receitas, pois os tempos, espaços, sujeitos são dinâmicos, mas, a cada tempo, o registrar dos nossos sons, imagens e arquivos contribui significativamente para repensarmos nossas ações, (res)significando nosso *jeito alinhavado de ser e analisar* o Programa Observatório da Juventude da UFMG.



Figura 13 - Instagram do Observatório.

Fonte: Instagram.

Referências

- Adichie, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Alves, Rubem. A complicada arte de ver. *Folha de S.Paulo*, 26 out. 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 28 set. 2022.
- Bondía, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-28, 2002.
- Brasil. *Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991*. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- Charlot, Bernard. *Da relação com o saber: Elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- Dayrell, Juarez (Org.). *Por uma Pedagogia das Juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG*. Belo Horizonte: Mazza, 2016.
- Floridi, Luciano (Org.). *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*. Cham: Springer, 2015.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- Kohn, Karen; Moraes, Cláudia H. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. In: *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos - 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Santos: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2022.
- Maia, Carla Linhares; Correa, Lycinia Maria. *Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- Mendes, Deise Maria L. Fernandes; Pessoa, Luciana Fontes. Comunicação afetiva nos cuidados parentais. *Psicologia em Estudo*, v. 18, n. 1, pp. 15-25, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/VKzMYQnDWF8YCY-cWKnzf5Lj/?lang=pt#>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

Nonato, Symaira Poliana. *As repercussões de um projeto socioeducativo na trajetória de vida de jovens de periferia de Belo Horizonte e Região Metropolitana*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Monografia.

_____.; Dayrell, Juarez Tarcísio. *Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

Oliveira, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: ver, ouvir e registrar. In: Oliveira, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Paralelo Quinze/Unesp, 1996, pp. 13-37.

Pestana, Gui D. M. A comunicação verbal. *A página da educação*, ano 15, n. 156, p. 45, maio 2006. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=156&doc=11595>>. Acesso em: 3 out. 2022.

Pollak, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 1-15, 1992.

Romariz, Vera. Alinhavo. 2011. Disponível em: <<http://apoesianasentrelinhasdavida.blogspot.com/2011/09/alinhavo-vera-romariz.html>>. Acesso em: 8 nov. 2023.

Roncaglio, Cynthia. O papel dos arquivos das instituições federais de ensino superior e a experiência do Arquivo Central da Universidade de Brasília. *RICI: R. Ibero-amer. Ci. Inf.*, Brasília, v. 9, n. 1, pp. 178-194, jan./jun. 2016.

Silva, Liliane Oliveira Palhares da. *Repercussões do Projeto Inter-Agindo na vida de jovens aprendizes da Cruz Vermelha na UFMG*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Monografia.

Zart, Clovis Odirlei; Zanetti, Elizabeth. Comunicação: história, componentes, formas e ruídos. *Revista Organização Sistêmica*, Curitiba, v. 10, n. 18, pp. 27-43, 2021. Disponível em: <<https://www.revistasuninter.com/revistaorganizacaosistemica/index.php/organizacaoSistemica/article/view/492>>. Acesso em: 3 out. 2022.